

MOREIRA, Mylena da Silva; CAMPOS, Flávio. **O método BPI e o eixo *Inventário no Corpo***: histórias que meu corpo conta. Santa Maria: UFSM. Bacharel em Dança, UFSM. Bolsista PIVIC, Orientador Flávio Campos. Professor adjunto, UFSM.

**RESUMO:** O meu desejo de estudar o Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) nasce a partir do meu encontro com a capoeira dentro da disciplina de danças do Brasil IV no ano de 2017. Nesta disciplina foram trabalhados alguns aspectos práticos e teóricos tanto das ferramentas como dos três eixos do método BPI. É a partir daí que opto por me aproximar mais e dar continuidade aos estudos sobre o Processo BPI, atrelado à minha formação no curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Desde 2018 venho me dedicando ao desenvolvimento do eixo *Inventário no Corpo* e foi no desdobramento de algumas de suas fases que sedimentei o meu trabalho de conclusão de curso (performance e reflexão). Com o presente trabalho pretendo apresentar a continuidade desse processo de estudo sobre o método BPI, agora como aluna do curso de Licenciatura em Dança e como bolsista de Iniciação Científica no projeto que visa mapear as manifestações culturais e os segmentos sociais da cidade de Santa Maria. Adentro o Processo BPI me preparando para a realização da pesquisa de campo do eixo *Co-habitar com a Fonte*. Para tanto, sigo desdobrando e elaborando conteúdos do meu *Inventário...* em laboratórios dirigidos, procedimento que também vai me preparando para a realização da pesquisa de campo. Desta forma, descreverei neste trabalho os percursos e as reflexões proporcionadas pelo meu processo com o BPI, que se dá de maneira amalgamada com a minha formação em dança, ou seja, integrando ensino, pesquisa e extensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Método BPI. Inventário no corpo. Processo de criação. Pesquisa em dança. Formatividade.

**ABSTRACT:** My desire to study the Dancer-Researcher-Performer Method (BPI) results from my experience with capoeira during the discipline 'Brazil's dance IV', in 2017. In this course, I had some practical and theoretical aspects of both theory and practice based on the three axes of the BPI method. It is from this perspective that I choose to give continuity to the studies about the BPI process linked to my dance training in my Bachelor's degree at the Federal University of Santa Maria. Since 2018, I have been dedicating myself to the development of the 'Inventory in the Body axis' and, more specifically, to the unfolding of some of its phases that consolidate my work to complete my bachelor's degree (performance and reflection). With the present work, I intend to deepen my study about the BPI method, as a student of Bachelor in dance, and as a participant in a project that aims to map the cultural manifestations and social segments of the city of Santa Maria. My participation in this project is supported by a scientific initiation scholarship. Through the use of the BPI process, I am preparing myself for the implementation of the field research based on '*Co-inhabiting with the Source*', one of the axis of the BPI method. For this purpose, I keep on unfolding and developing content for my inventory in laboratories, a procedure which is also preparing me for the implementation of

my field research. Therefore, I will describe in this study the pathways and the reflections offered by my experience with the BPI, which is connected with my training in dance. In other words, I try to integrate here teaching, research and extension.

**KEYWORDS:** BPI (dancer-researcher-interpreter) method. Inventory in the body. Creation process. Dance research. Formativity.

Com este trabalho apresento alguns aspectos do meu processo de estudo sobre o método BPI<sup>1</sup> e da minha formação como intérprete e pesquisadora nas Artes da Cena. Considero importante pontuar, ainda no início deste texto, o quanto esse processo formativo me transformou como artista, bailarina, mãe, mulher e agente sociocultural. Então, opto por trazer para esta reflexão algumas elaborações e questionamentos que surgiram a partir dos meus encontros com as disciplinas de Danças do Brasil cursadas na UFSM, depois com a capoeira no Grupo Barra Vento de Santa Maria e por fim com o método BPI propriamente dito no Grupo do CNPq Processo BPI. *Encontros* que se deram, respectivamente, nesta ordem e que me conduziram a uma escolha significativa: dedicar-me no desenvolvimento do meu Processo BPI.

O encontro com o Processo BPI passou a balizar a minha formação no curso de Dança Bacharelado. Desde 2018 venho me dedicando no desenvolvimento do eixo *Inventário no Corpo* e, mais especificamente, foi no desdobramento de algumas de suas fases que sedimentei o meu trabalho de conclusão de curso (performance e reflexão). Hoje sou aluna do curso de Dança - Licenciatura e sigo trabalhando com o Grupo Processo BPI, dando continuidade ao meu Processo BPI e já me encaminhando para as pesquisas de campo do eixo *Co-habitar com a fonte*.

O início desses *Encontros* se deu quando respondi um questionário na disciplina de Danças do Brasil III (2016). Esse questionário havia sido elaborado a partir do primeiro eixo do método BPI, o *Inventário no Corpo*. Aquele questionário, juntamente com as práticas e discussões propostas na

---

<sup>1</sup> O método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) foi criado pela Professora, Bailarina e Psicóloga Dra. Graziela Rodrigues na década de 1980 e, desde então, vem sendo desenvolvido por ela e seu Grupo na UNICAMP. Para informações mais detalhadas sobre o método BPI seus eixos e ferramentas, *vide*, RODRIGUES, 2018, 2010a, 2003.

aula pelo professor Flávio Campos, instaurou em mim um enorme conflito, pois eu passava a perceber e questionar certos costumes, preconceitos e pensamentos que ao longo da minha formação foram dados e acreditados como verdades absolutas.

Alguns aspectos do eixo *Inventário no corpo* eram trabalhados e apresentados com o objetivo de nos aproximar da nossa história pessoal e corporal, ou seja, éramos convidados a mergulhar no contato mais íntimo com nós mesmos para quiçá chegarmos em indícios que pudessem fomentar nossas conversas e discussões sobre “o que/qual é a dança brasileira?” Mergulhar em nossa história pessoal e corporal é compreender que existe um Brasil ou elementos das culturas brasileiras que não estão revelados. Assim, o *Inventário no Corpo*, conforme afirma a autora Graziela Rodrigues (2003, p. 79), “Nesta fase introdutória, a memória do corpo é ativada, possibilitando que ao longo do Processo ocorra uma autodescoberta quanto às próprias sensações, sentimentos, história cultural e social”.

Ao me deparar com tais procedimentos e discussões meu entendimento sobre dança ia se ampliando e modificando drasticamente. As minhas referências, até então, estavam vinculadas ao balé, ao jazz e à dança contemporânea, todavia as práticas experienciadas ficavam engessadas na manutenção de padrões limitados e, por vezes, preconceituosos, tanto no que diz respeito às questões estéticas, quanto à linguagem de repertórios. Ou seja, tudo que fugisse a aquelas linguagens ou técnicas eu desacreditava como dança. Posto isso, não é difícil imaginar que meu conhecimento sobre danças brasileiras e culturas populares não ia muito além daquilo que a mídia ou o senso comum teleguiado aceitava, ou aceita como certo. As poucas explicações ou apresentações me foram feitas na escola, hoje é mais fácil compreender, sobre o Brasil e suas culturas que estavam baseadas num modo de pensar branca, colonialista, patriarcal, excludente e salpicada de fundamentalismo religioso escamoteado pelos bons modos.

A dinâmica de buscar em mim mesmo aspectos dessa cultura velada que se expressam através dos meus movimentos e dos meus sentidos, enfim, reconhecer aquilo que está incrustado no meu corpo estava indo num caminho

contrário à homogeneização. As aulas de Danças do Brasil a partir do método BPI me possibilitavam reconhecer tudo àquilo que me constitui enquanto sujeito, sem desprezar ou desmerecer qualquer técnica ou vivência anterior. Em seus procedimentos práticos e reflexivos, desenvolvidos a partir do contato de sua criadora, Graziela Rodrigues, com as mais diversas manifestações da cultura brasileira, há a integração das experiências em prol de um reconhecimento e de uma liberação do corpo que dança com plenitude aquilo que é potente e faz sentido para quem dança. Conseqüentemente, afeta e toca – seja na empatia ou na rejeição – quem assiste, estabelecendo uma comunicabilidade repleta de sentidos. Experimentar esse processo me mostrava que algo em mim estava mudando.

Por vezes me olhei no espelho e pensei estar descompensada, era muita informação chegando, muitas questões sendo apresentadas e isso causou a rejeição com o Método. Esse processo de me corporificar, de revisitar e descobrir aspectos velados da minha história mexeu com meus sentimentos mais íntimos. As experiências vividas com os *encontros* citados no início deste texto, me trouxeram para o estado de corporificação, que segundo Stanley Keleman (2001, p. 108), “é uma afirmação de que estamos aqui e define uma relação física com nós mesmos, com o mundo e com aquilo que chamamos de transcendentos”. Ao me relacionar comigo, comecei a ter consciência de que meu corpo, meu eu, minha história estavam se transformando e ganhando novos ares. Era o início de um processo de transformação pessoal, que, ao qual, quando nos permitimos experimentar plenamente, se torna um processo ininterrupto.

A imagem é como se eu me escavasse por dentro, é um cavar que não tem fim, porque a cada mexida muitas novas histórias ou camadas surgem e isso, conseqüentemente, me fez olhar ainda mais fundo dentro de mim. Nesse processo eu passo a me enxergar como eu sou para ver meu corpo real e não mais a minha idealização, e com isso eu passo a reconhecer meus medos, meus preconceitos, aceitando o que eu era até aquele momento. Como explica Rodrigues (2003, p. 80),

No Processo do BPI objetiva-se realizar pequenas escavações em nossa história pessoal, cultural, social... Recuperando fragmentos, pedaços de histórias que ficam incrustados inconscientemente nos músculos, nos ossos, na pele, no entorno do corpo e no “miolo do corpo”. Busca-se no corpo inteiro as suas localidades e os seus fatos (não importa se são reais ou fictícios). Através do movimento, num tempo flexível, a proposta é que cada pessoa situe a sua realidade gestual, entre em contato profundo com as suas sensações corporais.

Vejo essa aceitação comigo mesmo, como um ponto chave no meu processo de autoconhecimento. Pois passo a me sentir mais empoderada para encarar as batalhas diárias que infelizmente nós mulheres travamos todos os dias, pelo simples fato de sermos mulheres. Ainda continuamos em pleno século XXI, sendo tratadas como o sexo frágil, num sistema de inferioridade em relação aos homens. Chegar nesse autoconhecimento me deu potência para lutar diariamente contra o machismo, o patriarcado, a idealização e romantização da maternidade, tendo em vista minha rotina de estudante, trabalhadora, dona de casa, mãe e que em meio a tudo isso, merece ser feliz e aproveitar a vida, sem ser taxada com adjetivos de baixo calão, usados numa tentativa mesquinha de menosprezar nós mulheres que escolhemos ser livres e conduzir nossas vidas como nos convém.

Romper com isso, é romper com um sistema social que nos ensinou erroneamente por muitos anos, que nós mulheres nascemos para sermos donas de casa, casar, ter filhos, e servir aos “companheiros” que em sua maioria, não é um companheiro e sim explorador. Lembro-me de uma passagem da Marcia Tiburi (2018) que me ajudou muito a entender essas rupturas e seguir com elas, a não desistir da luta, por mim e por todas as outras mulheres que também estão nesse caminho de romper e lutar, ou que, infelizmente ainda estão presas a esse sistema machista.

Mesmo quando tiver um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de um modo geral, não fazem o serviço da casa. Acumularão o trabalho remunerado com o não remunerado. Terceiras e, até mesmo, quartas jornadas – vale dizer mais uma vez – nunca remuneradas farão as mulheres escravas do lar com pouco ou nenhum tempo para desenvolverem outros aspectos da própria vida. Todas deverão acreditar que isso é natural e que uma menina ao nascer já vem com potência codificada em seu próprio DNA, uma predisposição para a servidão. Falo disso sem mencionar a escravidão emocional e psicológica vivida pelas mulheres, o que, a meu ver, resulta também dessa escravidão naturalizada em relação ao trabalho. (TIBURI, 2018, p. 14,15)

O meu processo de autoconhecimento está vinculado ao meu processo com o BPI mais especificamente. Eu mergulhei na minha história pessoal, social e cultural. Rompi, e sigo rompendo padrões e pensamentos que já não cabem mais neste tempo. Chego num momento de plenitude comigo, de me reconhecer, me aceitar, ter empatia e paciência com esse processo de sempre se autoconhecer. E quando abro meu olhar para o outro, são essas mesmas dinâmicas que são estabelecidas nas relações.

Quando o intérprete passa pelo processo de autoconhecimento e quando ele consegue ter essa consciência de si e do outro ele está pronto para seguir para o próximo eixo, o *Co-habitar com a fonte*. É este o momento em que me encontro, considerando minha participação no projeto de pesquisa docente que visa mapear as manifestações culturais e os segmentos sociais da cidade de Santa Maria e região, me vejo na transição do *Inventário...* para o *Co-habitar...* Neste eixo realiza-se uma pesquisa de campo em manifestações e segmentos socioculturais que trazem e mantêm vivo o sentido de resistência cultural. Esta vivência amplia, desdobra e aprofunda meu processo formativo no método BPI, cujo objetivo maior é propiciar que eu possa dançar com plenitude e vitalidade os sentidos que me constituem com autoconhecimento e alteridade.

## Referências

KELEMAN, Stanley. **Mito e corpo**: uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus, 2001. p.120.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino-pesquisador-intérprete**. Lauro de Freitas. Bahia: Solisluna, 2018. p. 232.

RODRIGUES, G. E. F. **As ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete)**. Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal (ISBN: 9788599688120). UNICAMP. Campinas, SP. 2010a.

RODRIGUES, G. E. F. **O método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal**: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. 2003. 171p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. p.126.